O papel da mulher em Lucas

INTRODUÇÃO

Cresce sempre mais a investigação sobre o papel das mulheres nas comunidades cristãs primitivas. Busca-se encontrar as razões para justificar as restrições feitas às mulheres ao longo da História da Igreja como também "reconstruir a História do cristianismo primitivo a partir da mulher".

Nesta busca e procura, Lucas aparece como referência imprescindível. É considerado o "evangelista das mulheres". É quem mais cita a mulher. É Lucas também que melhor apresenta a figura de Maria, Isabel, dentre tantas outras.

Uma leitura mais atenta do terceiro Evangelho, porém, faz perceber que os textos sobre as mulheres estão marcados por uma certa "tensão", uma possível ambivalência quanto ao papel da mulher na comunidade cristã. Lucas apresenta a mulher com características de grandeza humana exemplar, mas também acentua a mulher em suas fraquezas: são pecadoras, doentes, possessas, viúvas e estéreis. Por que Lucas fala tanto na mulher? Por que as mulheres são ora exaltadas, ora diminuídas em Lucas? O que acontece na comunidade de Lucas em relação às mulheres? É Lucas uma fonte para a reconstrução do papel da mulher na comunidade cristã?

I – A MULHER EM LUCAS

1. As narrativas sobre as mulheres em Lucas

Em Lucas, Jesus aparece dando grande atenção às mulheres. Não é sem razão que se diz que Lucas é o evangelista das mulheres. De fato, mais do que os demais, Lucas apresenta Jesus intimamente relacionado às mulheres. Por diversas vezes Ele sai em sua defesa curando, perdoando, deixando-se tocar, beijar, ungir. Elas o seguem, o bendizem, o amam, o escutam e o servem. Lucas é o evangelista

que mais relatos traz sobre as mulheres. Além de episódios comuns como a cura da sogra de Pedro (Lc 4,38-39p), a ressurreição da filha de Jairo e a cura da mulher hemorroíssa (Lc 8,40-56p), da parábola do fermento (Lc 13,20-21p), Lucas relata com exclusividade a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17), o episódio da pecadora que entrou na casa do fariseu e ungiu a Jesus (7,36-50), o grupo de mulheres que "seguem a Jesus e o servem com seus bens" (8,1-3), o relato de Marta e Maria (10,38-42), a cura da mulher curvada (13,10-17), a parábola da dracma perdida (15, 8-10) e da viúva persistente (18,2-5). Além destes relatos, igualmente, é só Lucas quem narra a anunciação feita a Maria (1,26-56). Em Mateus se trata de um anúncio feito a José. Também Lucas compõe as "Narrativas da Infância" sobre o protagonismo de mulheres. Maria é "cheia de graça" (1,28), é "bendita entre as mulheres" (1,42), é a "escolhida" para ser a Mãe do Salvador. Ainda é Lucas que nos faz conhecer Isabel, a mulher estéril que se torna mãe, fica "repleta do Espírito Santo" (1,39-45) e nos faz saber da existência da profetisa Ana (2,36-38).

Além das narrativas sobre as mulheres, Lucas inclui a mulher em narrativas e discursos onde os demais evangelistas silenciam. Acrescenta o vocábulo *gyne*, Mulher, em diversas passagens onde os demais nada dizem (14,26; 18,29; 22,57).

É indiscutível que Jesus tenha se relacionado com as mulheres de forma nova e até inédita (10,38-42). Quando Lucas escreveu o Evangelho, buscou iluminar a realidade com a prática de Jesus. Foi por isto que escreveu tantos episódios sobre as mulheres, mais do que os demais evangelistas.

2. O emprego do vocábulo *Gyné* em Lucas

O vocábulo *Gyné* é utilizado de modo genérico para designar a condição feminina em contraposição à masculina. No Novo Testamento *Gyné* significa "mulher" ou "noiva".

Lucas emprega o vocábulo *Gyné* quarenta e uma vezes no Evangelho, enquanto Mateus o faz trinta e duas vezes, Marcos doze vezes e João vinte e duas vezes. Lucas é quem mais emprega o vocábulo *Gyné* no Novo Testamento, e o emprega basicamente em dois sentidos: como "mulher" e como "esposa". Além de mais empregar o vocábulo em questão, Lucas ainda identifica dez mulheres pelo nome: Maria a mãe de Jesus; Isabel, Ana, Herodíades, Maria Madalena, Joana, Susana, Marta, Maria e Maria, mãe de Tiago. Por nove vezes se refere à mulher como "filha", "virgem" ou emprega pronomes.

Dos quarenta e um empregos do vocábulo *Gyné*, vinte e dois fazem parte de relatos exclusivos de Lucas e cinco, embora fazendo parte de relatos comuns dos sinóticos, apenas em Lucas contêm o acréscimo do vocábulo *Gyné*.

Nota-se ainda que Lucas não somente emprega muitas vezes e com exclusividade o vocábulo, mas também se refere à mulher em narrativas exclusivas do seu Evangelho. Ele não se ressente em citar as mulheres e fazer vislumbrar facetas diversas. O cotidiano doméstico da mulher em seu afã de amassar o pão (13,20-21), de procurar a dracma que se perdeu (15,8-10) é revelação do jeito de ser de Deus. Deus é assim, como uma mulher... Para Lucas também Maria é a "mulher cheia de Graça", Isabel é repleta do "Espírito Santo", a pecadora é perdoada "porque muito amou" (7,47), a mulher encurvada é "filha de Abraão" (13,16), as mulheres ainda "seguem a Jesus" e diversas delas são apresentadas "servindo" (8,3). Por outro lado a mulher em Lucas é também marcada como "pecadora" (8,2), "viúva" (7,11-17), "pobre" (21,1-4).

Dos quarenta e um empregos, cinco vezes o vocábulo *Gyné* expressa a realidade da mulher doente. Em um dos relatos, o da mulher encurvada (Lc 13,10-17), temos um episódio exclusivo de Lucas. Na narrativa de Lc 8,1-3, onde Jesus aparece acompanhado de dois grupos distintos de discípulos, os doze não são caracterizados. As mulheres são apresentadas como "mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças" (8,2). Além destas mulheres doentes fala que Isabel era estéril e velha; Ana, no templo, a profetisa, era viúva e de idade avançada (2,36).

Ao lado das "mulheres doentes", Lucas ainda se refere à mulher como pecadora. Enquanto os demais evangelistas narram a unção de Jesus feita por uma mulher, sem nenhuma notícia sobre sua situação moral, Lucas diz que quem ungiu Jesus foi uma "pecadora da cidade" (7,36-50). Seria ela uma prostituta? O fato é que ela assim foi julgada pelo fariseu (7,39). Além da "pecadora", Lucas também diz que Maria Madalena foi liberta de "sete demônios" (8,2). A testemunha principal da ressurreição de Jesus possuía "sete demônios". É bem verdade que nenhum dos evangelistas explica em que consistiam os sete demônios. Costuma-se ver em Maria Madalena a "pecadora arrependida". Os evangelistas não dão nenhuma base para pensar assim. Ela foi alguém muito importante para os primeiros cristãos.

Lucas relaciona diversas vezes a "mulher" com doença, esterilidade e idade avançada, ou pecado, viuvez ou espíritos malignos. As mulheres que seguem a Jesus são as que foram curadas de "espíritos malignos e doenças". Parece querer dizer que elas seguem por gratidão e por isto mesmo elas põem seus bens a serviço do grupo de Jesus. Também na Ressurreição Lucas mostra que o testemunho das mulheres não serviu para que os discípulos chegassem a crer (24,11); somente quando Pedro, portanto um homem, viu Jesus ressuscitado todos creram (24,34).

3. A mulher na comunidade de Lucas

Sabe-se que os escritos do Novo Testamento não são relatos puramente históricos, objetivos, mas estão engajados em um determinado propósito. No Evangelho de João se lê que Jesus fez muitas coisas que não foram escritas e que algumas o foram para levar a crer (cf. Jo 20,31). Também Lucas afirma que fez uma "narrativa dos acontecimentos" para que Teófilo possa verificar a solidez do ensinamento recebido (cf. Lc 1,1-4). Os Evangelhos foram escritos para que os cristãos creiam em Jesus. E foram igualmente escritos em comunidades diferentes, em realidades diferentes, com problemas próprios e culturas diversas.

O Evangelho de Lucas foi escrito, não para judeus, mas para pessoas de cultura grega. Na cultura grega a mulher também sofre marginalização. Ela é considerada inferior ao homem. Ela não é livre e deve ser orientada e conduzida pelo homem. São os homens que determinam como deve ser uma mulher. Na Bíblia isto aparece no livro do Eclesiástico, obra escrita em grego, ou seja, escrita por homens de religião judaica mas de cultura grega. O livro do Eclesiástico mostra um pouco do pensamento sobre a mulher que os "homens sábios" desenvolviam nos seus círculos de estudo e discursos. Basta ler, por exemplo, Eclo 25,13-26, 26 e 42,9-14. O lugar da mulher é a casa e sua tarefa é alegrar o marido e ser boa dona-de-casa. São poucas as chances da mulher. Descreve de forma muito dura os defeitos da mulher, todos relacionados ao homem, ou seja, o de fazer o bem ou o mal ao homem.

Jesus rompeu com todo este modo de ver a mulher. Trouxe uma verdadeira revolução de costumes. Restabeleceu a igualdade original criada por Deus. Mulhe-

res e homens são igualmente filhos e filhas de Deus, irmãos de Jesus e o critério de valoração é a prática da palavra de Deus. Não é o homem que determina o modo de ser de uma mulher. O critério de discernimento é a prática da palavra de Jesus. E nisto as mulheres foram testemunhas exemplares. Jesus o reconheceu e por diversas vezes até ele se surpreendeu. A cananéia superou a fé de mulheres: "Tua fé te salvou, vai em paz" (Lc 8,48; 7,50).

Lucas, ao escrever o Evangelho, procura ser muito fiel a Jesus e ao mesmo tempo é filho da sua cultura. Escreve em grego e mostra ter cultura elevada. Participa da mentalidade de que a mulher é inferior ao homem. Convertido à fé cristã, deve ter tido também dificuldades de mudar sua mentalidade, é discípulo de Paulo que também está cheio de contradições quanto ao papel das mulheres.

Os Evangelhos não narram somente os discursos e a prática de Jesus, mas também estão marcados pela realidade do seu tempo. Em relação às mulheres, o Evangelho faz transparecer que as comunidades estão enfrentando problemas relacionados a elas e ao mesmo tempo há mulheres que exercem funções de liderança nas comunidades. Não se pode negar que há muitas mulheres nas comunidades, assim como hoje.

Qual é a realidade das mulheres que transparece no Evangelho de Lucas? Como vimos acima, há diversas referências à mulheres doentes, pecadoras, idosas, estéreis, viúvas e portadoras de espíritos imundos. Não é um quadro positivo e agradável. Do ponto de vista econômico-social, parece haver grandes dificuldades. São mulheres pobres e marginalizadas. Surpreende também as diversas referências às viúvas. Tanto no Evangelho de Lucas quanto no Livro dos Atos dos Apóstolos há muitas viúvas. Jesus e os Apóstolos são descritos como defensores das viúvas. O Evangelho mostra que as viúvas eram exploradas (Lc 18,1-5; 20,47). Elas deviam estar exigindo atenção.

Por que tantas mulheres doentes, viúvas, pecadoras e pobres? O Evangelho de Lucas foi escrito após os anos 70 dC, período de muitas guerras. Basta lembrar a guerra judaica que durou diversos anos e que no ano 70 dC destruiu Jerusalém.

Muitos homens terão morrido na guerra deixando esposas, mães e filhas sem proteção alguma. Além das guerras, os trabalhos forçados a que o Império Romano obrigava seus escravos pode ser responsável pela morte de outros tantos homens. O fato é que há muitas viúvas e elas estão sendo causa de conflitos na comunidade (cf. At 6,1-7). Lucas mostra que Jesus tomou a defesa das viúvas e é assim que os cristãos devem fazer. Os apóstolos já o fizeram (At 9,36-43). Também as mulheres doentes e pecadoras não podem ser colocadas de lado; Jesus sai em sua defesa (7,36-50). O mesmo deve ser feito pelos cristãos ainda que em sua cultura a mulher seja considerada inferior. Em Jesus são eliminadas as discriminações culturas e sexuais.

Problemas mais complexos podem estar relacionados às funções de liderança das mulheres. No Evangelho de Lucas, assim como nas Cartas Paulinas, se conhece a liderança da mulher que em Jesus se inaugurou. O fato de Paulo escrever cartas restringindo o papel das mulheres (cf. 1Cor 11,2-16 e 14,33-40) mostra que elas exerciam diversas funções como conseqüência de sua adesão a Jesus e pertença à comunidade cristã. O mal-estar provocado ameaçou a sobrevivência da própria comunidade cristã. Para restabelecer a ordem, Paulo proíbe as mulheres de exercerem determinadas funções. Em Lucas isto também transparece em diversos textos. O relato de Marta e Maria (10,38-42) revela a existência de tensões quanto ao papel da mulher. O serviço de Marta em João 12,1 é visto positivamente. Em

Lucas já há mudanças de visão. Servir à mesa constituía um ministério, que muitos consideram como sendo o de presidir à Eucaristia. Em Lucas há mudança de enfoque. É melhor sentar-se aos pés do Mestre e ouvir a Palavra. De qualquer modo Lucas coloca a mulher no nível do discipulado, coisa que não se admitia na cultura de então.

Os Evangelistas são unânimes em reconhecer que as mulheres são as primeiras testemunhas da Ressurreição. Em 1Cor 15 Paulo não coloca nenhuma mulher entre os que viram o Ressuscitado. Lucas revela também certa tensão existente. Pode ser que seja apenas uma ironia do autor ao dizer que os discípulos não acreditaram no testemunho das mulheres e que isto lhes pareceu um desvario (24,11). Mas a fé na ressurreição só é proclamada, em Lucas, quando Jesus apareceu a Simão (24,34). Nos Atos dos Apóstolos só homens entram em cogitação para substituir Judas, ainda que diversas mulheres preenchessem melhor os requisitos estabelecidos (At 1,21). Observa-se também que o Evangelho de Lucas atribui às mulheres papéis diferentes dos a ela atribuídos nos Atos. Nas narrativas da infância (Lc 1–2) Isabel é "repleta do Espírito Santo" e Maria é envolvida com a sombra do Altíssimo e o Espírito a cobre. Nos Atos não há nenhum relato de descida do Espírito sobre mulheres. O Espírito é concedido mediante a imposição das mãos a homens. Também no próprio Evangelho parece ir se processando uma diminuição do papel das mulheres: nos eventos da encarnação as mulheres participam muito mais do que os homens. Já na ressurreição Lucas tende a desqualificar o testemunho das mulheres. Tudo isto mostra que a comunidade cristã lutou muito para ser fiel a Jesus. Será que conseguiu?...

Concluindo se pode afirmar que Lucas reconhece a presença e participação das mulheres. É preciso contudo uma leitura crítica para afirmação de que Lucas é o Evangelista das mulheres. Os papéis a elas atribuídos por Lucas revelam ambivalências. Isto sugere a necessidade de maior investigação sobre o "papel da mulher em Lucas". Não basta falar na mulher, valorizá-la em certos momentos... Os pressupostos que não consideram a igualdade trazida por Jesus tendem a ser idealistas, tendenciosos ou genéricos. Se o critério de discernimento for a prática da Palavra de Deus, muitas posturas e certezas eclesiásticas precisam ser revistas.

II – "ELAS O SEGUIAM E O SERVIAM" (Lc 8,3)

Lucas é, de fato, o evangelista que mais fala na mulher. É inegável também que tem uma certa tensão e ambivalência que perpassa os textos a respeito do papel da mulher. É possível reler os textos sob diversos enfoques.

Costuma-se ler Lucas numa excessiva idealização da mulher, particularmente de Maria, a mãe de Jesus. Também são conhecidas as leituras que contrapõem ação e contemplação a partir do relato de Marta e Maria (10,38-42). Também se acentua a decadência da mulher e o poder de Jesus (7,36-50) que perdoa, cura, liberta.

Abstraindo das possíveis releituras a partir de pressupostos culturais machistas, Lucas, mesmo que tenha desqualificado a mulher em alguns dos seus relatos, preservou sua memória. Da memória preservada por Lucas é possível e necessário reconstruir a história na qual se evidencia a prática de Jesus em relação às mulheres. Um texto significativo para a reconstrução do papel das mulheres na comunidade cristã se encontra em Lc 8,1-3: "Depois disso, Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus. Os Doze iam com

ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos maus e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes, Susana e várias outras mulheres, que ajudavam Jesus e aos discípulos com os bens que possuíam" (Lc 8,1-3).

Trata-se de um breve sumário que Lucas costuma introduzir após relatos sobre a pregação e ação de Jesus. Em Lc 4,40-44 o evangelista já apresentara um desses sumários. A diferença fundamental entre Lc 4,40-44 e Lc 8,1-3 é que Jesus agora aparece rodeado de dois grupos de seguidores: de um lado estão os "Doze" a quem Lucas já identificara (Lc 6,13-16), e, de outro, "algumas mulheres". Três delas são nomeadas: Maria Madalena, Joana e Susana.

Um dado particularmente relevante é a apresentação do grupo de mulheres nos relatos da atividade de Jesus na Galiléia (cf. Lc 4,14–9,50). Há uma concentração de mulheres nestas narrativas (cf. Lc 7,11-17; 7,36-50; 8,1-3; 8,40-56); isto pode sugerir que, em determinado momento, cresce a preocupação com o papel e a atuação das mulheres na comunidade.

O que se pode perceber claramente é que Lc 8,1-3 atribui a Jesus uma concepção de "mulher" claramente distinta do judaísmo contemporâneo (Joaquim Jeremias, *Jerusalém no tempo de Jesus*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986).

A atitude de Jesus para com as mulheres revela uma situação bem distinta daquela se reflete em Jo 4,27, em que os discípulos se surpreendem por Jesus estar falando com uma mulher, no caso da Samaritana. É bem verdade que a surpresa pode residir no fato de tratar-se de uma mulher "estrangeira". Mas também não se pode negar a estrutura patriarcal da sociedade judaica-greco-romana no primeiro século da era cristã. A mulher era considerada um ser inferior ao homem, propriedade dele e lhe devia submissão em tudo.

Inserida neste contexto, a prática de Jesus constitui-se em experiência radicalmente outra. As mulheres, a título pleno, tornam-se discípulas de Jesus. Inauguram um discipulado feito de serviço e seguimento.

1. Discipulado de serviço e seguimento

Neste sentido é de maior relevância o texto de Lc 8,1-3, no qual as mulheres desenvolvem uma atividade de serviço, provavelmente inconcebível naquele tempo. Com seus próprios recursos atendem às necessidades de Jesus e de seus discípulos. Isto exigiu, sem dúvida, engenho, organização, iniciativa e coragem. Revela também que, mesmo com um sistema estruturado sobre a submissão da mulher, elas não sucumbiram, não se vitimaram e não renunciaram seu direito à participação.

Três mulheres são explicitamente nomeadas: Maria Madalena, Joana e Susana, além de "muitas outras" (cf. 8,1-3). De todas se diz que "elas o seguiam e o serviam". Serviço e seguimento é o que caracteriza o discipulado. As mulheres haviam sido "curadas de espíritos malignos e doenças". Expulsão de demônios e cura de doenças é sinal de que o Reino de Deus já chegou. "Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós" (Lc 11,20). As mulheres libertas e curadas são a certeza de que o Reino de Deus já está atuante.

1.1. Maria Madalena

A primeira mulher identificada no texto é Maria Madalena. Esta primazia se dá igualmente em outras passagens (cf. Mt 27,56-61; 28,1; Mc 15,40-47; 16,1; Lc 24,10; Jo 19,25; 20,1-18). Isto indica que Maria Madalena era figura proeminente

nas comunidade cristãs primitivas. Ela foi testemunha da crucificação de Jesus, do túmulo vazio e da Ressurreição.

Sua origem parece ser de Mágdala, um povoado que é totalmente desconhecido no resto do Novo Testamento. Ela participa do grupo que os evangelistas apresentam como "vindos da Galiléia". Lc 8,1-3 oferece esta base textual para se afirmar que Maria Madalena participa do movimento de Jesus surgido na Galiléia. Ela acompanhou Jesus desde a Galiléia.

O Novo Testamento não traz muitas informações sobre Maria Madalena. Costuma-se vê-la como "a pecadora", a que "ungiu Jesus". Não há nenhuma base textual para afirmar ser Maria Madalena a pecadora decaída, perdoada por Jesus. Maria Madalena é aquela "da qual haviam saído sete demônios" (cf. Mc 16,9; Lc 8,2). São dois testemunhos escriturísticos a afirmarem a possessão diabólica de Maria Madalena. O "sete" significa a totalidade. Isto deve ser uma representação judaica para significar a totalidade do poder do mal sobre a pessoa. A situação de Maria Madalena era de extrema gravidade: "possuía sete demônios".

As experiências de possessão diabólica são hoje explicadas como doenças mentais ou qualquer outro mal. Os exegetas da América Latina vêem nisto os efeitos do pecado social.

Maria Madalena poderia estar sofrendo de problemas mentais ou psicológicos agudos, doenças físicas graves ou outros males frutos da marginalização e opressão da sociedade patriarcal.

Mulheres de personalidades fortes, cheias de iniciativas, criativas e dinâmicas, vivendo sob estruturas opressoras, tendem a desequilíbrios mentais agudos (Rosemary Haughton, *A Libertação da Mulher*. O anúncio da vida para o mundo que vem do feminino, Petrópolis, Vozes, p. 93s). Maria Madalena foi uma mulher que se destacou entre os seguidores de Jesus. Era, provavelmente, uma mulher de personalidade forte, corajosa, enérgica e inesquecível. Ela não conseguiu manter-se íntegra na sociedade de seu tempo. Tinha "sete demônios".

Maria Madalena não deve ser identificada como "a pecadora", ou "a adúltera", ou "a outra". Ela é alguém que experimentou o ilimitado poder libertador do Reino na sua própria vida. Não importa o que significam os "sete demônios". O que importa é que, em Maria Madalena, Lucas tematiza a novidade do Reino na sua forma mais plena. Ela foi liberta dos "sete demônios" do seu tempo. Tornou-se discípula por excelência. Inaugurou a história nova, feita de serviço e seguimento, junto com as suas companheiras.

1.2. Joana

É a segunda mulher nomeada por Lucas. Seu nome só se encontra em Lc 8,3 e 24,10. Dela se diz ser "esposa de Cuza". Cuza é alto funcionário da Corte de Herodes. Interessante observar que a esposa de um alto funcionário do arquiinimigo do movimento de Jesus, o rei Herodes, tornou-se discípula de Jesus e o serve com seus bens. Ela, como Maria Madalena, segue a Jesus desde a Galiléia.

1.3. Susana

Lucas 8,3 é a única referência a esta mulher. Não há outros textos a citarem seu nome. Pensa-se ser ela uma das que são identificadas como "mãe de...", mas não há como provar. Susana deve ser bastante conhecida porque o Evangelista não sente necessidade de dar maiores informações. Todos deveriam conhecê-la. É Susana!

2. Elas vieram com Jesus desde a Galiléia

A referência às mulheres em Lc 8,1-3, é uma informação sobre o ministério público de Jesus, na Galiléia. Jesus, ao iniciar sua pregação do Reino, não chamou a si somente os discípulos varões. É bem verdade que os relatos evangélicos não narram nenhum episódio de chamado ao discipulado de mulheres. Só constatam que elas são discípulas, seguem a Jesus, participam de suas andanças e pregações e o servem com seus bens. Os Evangelhos não relatam, ou porque foram escritos pelos homens, ou porque o seguimento de Jesus feito pelas mulheres não necessitasse de chamamento. O fato é que, desde a Galiléia, há mulheres no Grupo de Jesus. Elas se identificam com a proposta de Reino.

Lucas distingue os dois grupos: os "Doze" e as "mulheres". Não há informações sobre o porquê desta distinção em Lucas.

A função das mulheres é de serviço e de cooperação. Elas acompanham o grupo, são suas colaboradoras. No envio dos 72 discípulos (cf. Lc 10,1-12) deve ter havido diversas mulheres que saíram em pregação.

Na narrativa da Paixão, enquanto os discípulos varões todos somem, os Evangelhos testemunham a presença fiel das mulheres. Em Lc 23,49 se diz: "Todos os seus amigos, bem como as mulheres que o haviam acompanhado desde a Galiléia, permaneciam à distância observando estas coisas". E ainda: "As mulheres, porém, que tinham vindo da Galiléia com Jesus, haviam seguido a José; observaram o túmulo e como o corpo de Jesus tinha sido ali depositado" (v. 55)

As mulheres acompanharam Jesus "desde a Galiléia". Um seguimento radical, decisivo, permanente e, sem dúvida, criativo. Elas foram com Jesus a Jerusalém. Terão estado presentes na entrada solene, na Ceia, na entrega e condenação de Jesus. Elas estão lá na cruz. Depois "observam tudo, à distância". Observam a morte, observam a sepultura. Observaram até como o corpo de Jesus fora ali depositado. Observação silenciosa, contemplativa diríamos, mas uma contemplação ativa: "Em seguida, voltaram e prepararam aromas e perfumes" (23,56).

O ministério das mulheres não termina com a morte de Jesus. Enquanto varões fugiam desesperados, desorientados, com suas expectativas messiânicas frustradas, as mulheres "permaneciam observando tudo", no serviço concreto e amoroso. E por isto mesmo a experiência da vida que ressurge se manifesta a elas, nelas e por elas. "Elas o seguiam e o serviam". A morte não mata o projeto do Reino.

3. As mulheres nos assustaram

As mulheres inauguram um discipulado criativo, serviçal, pleno. Ouviram a Palavra, seguiram a Jesus pelo caminho, serviram-no com seus bens. Na morte de Jesus observaram o túmulo e "voltaram e prepararam aromas e perfumes". Observaram o repouso prescrito e, "muito cedo ainda, elas foram à tumba, levando os aromas que tinham preparado" (24,1). A pedra estava removida e elas penetraram definitivamente no mistério da vida...

Enquanto isto, dois dos discípulos prosseguem no caminho de suas expectativas e projetos. Lamentam porque "faz três dias que todas estas coisas aconteceram" (24,21) e que "algumas mulheres que são dos nossos nos assustaram" (24,22). Elas disseram que viram "anjos a dizer que Ele está vivo". Os "discípulos não o viram". Então os dois se foram "tristes e abatidos".

As "mulheres assustaram" e continuam assustando. Pode tudo ser considerado "desvario de mulheres", mas ninguém pode matar a vida que brota do serviço prestado e do seguimento realizado.

Zenilda Luiza Petry
Caixa Postal 7367
80011-970 Curitiba, PR